



TRAGÉDIA

Japão busca vítimas de forte terremoto

Abalo de magnitude 6,8 sacode a ilha de Kyushu, no sudoeste do arquipélago, causando destruição e vítimas. Dezenas de pessoas ficaram presas nos escombros de um shopping center e de uma fábrica

O Japão entrou pela manhã de hoje (noite de ontem em Brasília) correndo contra o tempo na tentativa de resgatar um número indeterminado de pessoas presas sob escombros, passadas 12 horas desde o forte terremoto que abalou a Ilha de Kyushu, no sudoeste do arquipélago, por volta das 16h30 (horário local, 4h30 em Brasília). Ainda sob impacto do abalo, que atingiu magnitude 6,8 na escala Richter, o governo da premiê Sanae Takachi mobilizava equipes de busca e socorro, com foco em dois locais: um shopping center na cidade de Kashima e uma fábrica de papel em Yatashiro, ambos na província de Kumamoto, onde foi registrado o epicentro do sismo. De acordo com as informações iniciais, dezenas de trabalhadores estavam desaparecidos, nas duas instalações.

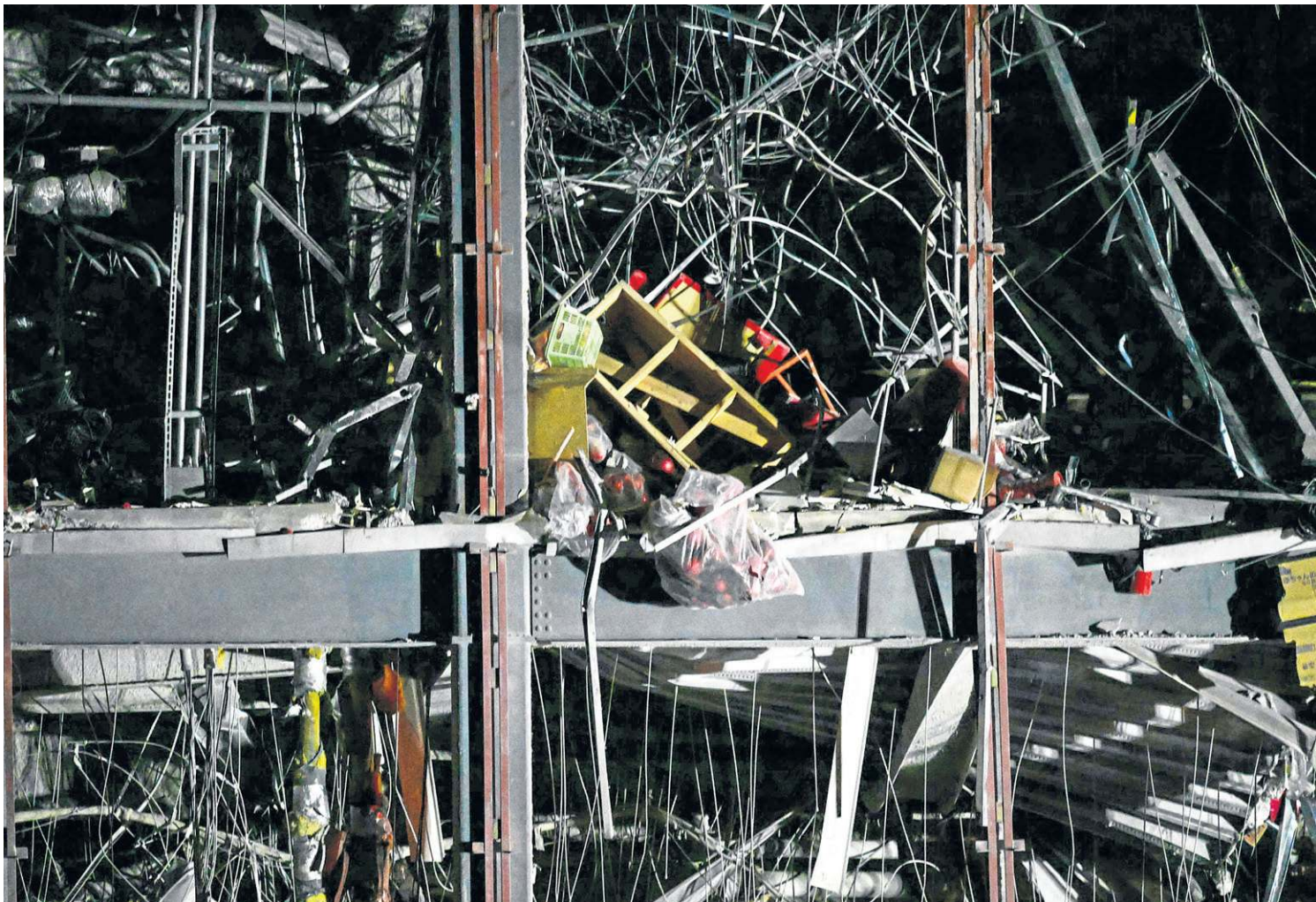
A emissora pública NHK mencionava “entre 20 e 30 funcionários” presos nos escombros do Shopping Aeon, onde o segundo andar ruíu. A TV provada TBS citava “um número considerável de mortos”. Vários operários estavam desaparecidos na fábrica de Yatshushiro, depois do desabamento parcial de uma chaminé. A agência de notícias Kyodo citou uma morte na cidade, na residência que ruíu. Segundo a mídia local, foram registrados danos em hospitais e unidades de saúde em Kumamoto, pressionadas pela chegada de numerosas vítimas.

A primeira-ministra Sanae Takachi declarou no X que haviam sido confirmadas “vítimas humanas, desabamentos de prédios, danos nas estradas e incêndios”, além de “cortes de água e energia”. Imagens da televisão mostravam pontes rodoviárias parcialmente destruídas, prédios em ruínas e vagões de trem de carga tombados. Cerca de 45 mil residências e edifícios comerciais ficaram sem energia na província, segundo a operadora Kyushu Electric Power. A empresa informou que os três reatores nucleares da região estavam funcionando normalmente.

“Apavorada”

“O tremor foi muito forte e durou muito tempo. Fiquei apavorada”, disse à agência de notícias

Yuichi Yamazaki/AFP



Destruição exposta da fachada do Shopping Aeon, em Kashima, onde o segundo andar ruíu: funcionários ficaram nos escombros

France-Presse (AFP) Chiharu Hara, uma recrutadora de 35 anos que estava em Kumamoto em viagem de negócios. Nos escritórios do cliente, “nada caiu do teto, mas o prédio balançou violentamente”, descreveu para a AFP. “Tive medo de que desabasse. Todos entraram em pânico.” Um funcionário da NHK relatou a própria experiência. “Os tremores foram tão fortes que eu não conseguia ficar de pé”, admitiu. Segundo a emissora, dois hospitais indicaram ter atendido pelo menos 50 pacientes feridos cada um. “Estão chegando pessoas com queimaduras e fraturas após terem ficado presas nos escombros devido ao terremoto, e as ambulâncias não param de trazer feridos”, declarou o funcionário de um dos hospitais.

Histórico

Kumamoto foi afetada em 2016 por dois terremotos devastadores:

Yuichi Yamazaki/AFP



Caminhão danificado na província de Kumamoto, epicentro do tremor

o primeiro de magnitude 6,5 graus, seguido por outro de 7,3, dois dias depois. Os tremores deixaram 273 mortos e mais de 2.800 feridos. As autoridades alertaram a população sobre o risco de um tremor com intensidade comparável à do

terremoto de ontem nos dois ou três dias seguintes. Nas primeiras horas, foram sentidas mais de 60 réplicas de menor intensidade.

O Japão é um dos países mais expostos a terremotos no mundo, por estar localizado na união de

quatro grandes placas tectônicas ao longo da borda ocidental do Círculo de Fogo do Pacífico, rodeado de crateras de vulcões — alguns deles, ativo. O arquipélago, que tem quase 125 milhões de habitantes, registra centenas de tremores todos os anos e representa cerca de 18% dos terremotos registrados em todo o mundo.

Mensagem

O presidente Lula enviou mensagem à premiê japonesa manifestando solidariedade pela tragédia. “Tomei conhecimento, com consternação, do terremoto que atingiu a província de Kumamoto”, começa o texto. “Em nome do povo brasileiro, manifesto solidariedade ao povo japonês, especialmente às famílias mais atingidas pelos tremores, e à primeira-ministra Takaichi Sanae, com quem estive no mês passado em Evian, durante a cúpula do G7.”

PERU

Guadalupe Pardo/Pool/AFP



Na posse, promessa de mão dura contra o crime

Keiko convoca militares

A direitista Keiko Fujimori anunciou, como primeira iniciativa de impacto de seu governo, o envio dos militares para “recuperar o controle interno” nas regiões do Peru conflagradas pela criminalidade. A nova presidente, a nona no intervalo de 10 anos, tomou posse ontem e reafirmou o compromisso de campanha de aplicar “mão dura” para garantir a segurança pública — preocupação mais citada pelos eleitores nas pesquisas de opinião. O discurso resgata um dos aspectos mais controversos do mandato de seu pai, Alberto Fujimori, entre 1990 e 2000.

“Durante os estados de emergência, as Forças Armadas assumirão temporariamente a liderança das operações de segurança e o controle interno” até “devolver esses territórios aos cidadãos”, prometeu. A escalada de violência que afeta o país é a mais grave desde o conflito entre o Estado e a guerrilha comunista Sendero Luminoso, entre 1980 e 2000. O número de homicídios por ano passou de mil, em 2018, para 2.600 em 2025, enquanto as denúncias de extorsão aumentaram de 3.200 para 26.500.

O sociólogo David Sulmont afirmou à AFP que, “se o governo não conseguir demonstrar rapidamente que está enfrentando” o problema da insegurança, “isso poderá desgastar sua legitimidade e sua popularidade”.

Nelly Vega, dona de casa de 68 anos, disse à agência de notícias France-Presse (AFP) que “concorda plenamente” com a agenda da governante. “Ela vai nos levar a uma situação melhor. Vivemos em um país tomado pelo terror”, afirmou.

“Não tenho confiança nela, mas o que podemos fazer? O Peru ficou dividido ao meio”, disse à AFP Franklin González, trabalhador autônomo de 62 anos, no centro de Lima. “Vai ser uma réplica do pai”, reforçou César Fuentes, aposentado de 80 anos. Ele teme que as estratégias de combate à insegurança resultem em abusos.

Desde 2016, o país de 34 milhões de habitantes teve oito presidentes. Nenhum dos eleitos chegou a concluir o mandato, e alguns dos interinos passaram apenas dias ou semanas no posto.

ORIENTE MÉDIO

Depois de mostrar irritação, Trump recebe Netanyahu

» RODRIGO CRAVEIRO

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, resistiu em receber o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu. Depois de mudar de ideia, demonstrou irritação com o aliado nos momentos que antecederam a visita. “Eu não preciso que Bibi me diga”, declarou o republicano, citando o apelido do chefe de governo israelense, ao assegurar que Washington não necessita de informações de inteligência sobre a instalação nuclear iraniana de Pickaxe.

“Bibi me diz isso porque quer que eu continue envolvido. Nós sabemos exatamente o que está acontecendo”, acrescentou Trump, em um sinal de que a Casa Branca em nada parece interessada em aprofundar seu envolvimento na guerra contra o Irã. Em entrevista à emissora Fox News, ele concluiu:

“Nós eliminamos as instalações nucleares deles, e teremos de eliminar Pickaxe se não fizermos um acordo”. A instalação de Pickaxe fica a 2km da usina de enriquecimento de urânio de Natanz e está situada 100m sob o solo de rochas sólidas. Antes do encontro a portas fechadas, Trump e Netanyahu posaram para fotos no Salão Oval, entre sorrisos.

Professor de relações internacionais da Universidade de Nova York, Alon Ben-Meir afirmou à reportagem que o encontro durou entre 80 e 90 minutos, longe dos holofotes. “Não houve declaração conjunta ou pública, algo incomum para Trump. Netanyahu saiu da reunião descrevendo-a como ‘uma das melhores conversas’ que teve com Trump. O premiê relatou que não houve menção a um ataque à Montanha Pickaxe nem ao fornecimento de caças F-35 para a Turquia.

GPO/AFP



Benjamin Netanyahu (E) ao lado de Donald Trump (D) no Salão Oval

A Casa Branca limitou-se a informar que ambas as reuniões foram “positivas e produtivas”, disse. Segundo Ben-Meir, Netanyahu tinha solicitado

o encontro duas semanas antes, e Trump teria concordado por meio de uma fala: ‘Se ele estiver na cidade, então eu o recebo’.

O estudioso destacou que a reunião ocorreu no momento em que a guerra do Irã completou cinco meses. “A presença do vice J.D. Vance sugeriu supervisão, não cordialidade. Netanyahu fez questão de afirmar que o termo ‘excelente’ não era retórica vazia — afinal, quem acaba de ter uma reunião genuinamente boa raramente precisa antecipar-se para dissipar tal dúvida”, disse Ben-Meir. “Os superlativos destinam-se ao eleitorado israelense e não descrevem o que de fato ocorreu no Salão Oval. A definição dada por Trump — ‘Temos uma pequena divergência, mas estamos bem próximos’ — reflete a realidade com mais honestidade; além disso, o fato de as negociações indiretas entre EUA e Irã terem atingido uma ‘fase séria’ é o desfecho que Netanyahu tentou frear, mas sem sucesso.”

Capitulação

Para Chuck Freilich, ex-vice-conselheiro de Segurança Nacional de Israel, as chances de EUA e Irã alcançarem um acordo verdadeiro são mínimas ou inexistentes, a menos que Trump abandone posições americanas fundamentais — inclusive em relação ao programa nuclear iraniano. Ele considera que o Memorando de Entendimento (MoU), assinado em junho, foi uma capitulação de Washington. “Trump preferirá corrigir isso, caso se chegue a algum acordo. Ele enfrenta forte pressão devido à economia global e às próximas eleições. Para os iranianos, as questões são de importância existencial; portanto, sua disposição para fazer concessões é mais limitada do que a dos americanos”, disse ao **Correio**.